



**Haddad x Serra 2012:
Uma análise de textos opinativos nos dois principais jornais do país¹**

Jéssica NASCIMENTO²

Milena BUARQUE³

Adolpho QUEIROZ⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e compreender a questão da imparcialidade nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, durante a última semana do segundo turno das eleições municipais da cidade de São Paulo, em 2012. Busca-se também identificar os sentidos provocados pelos textos ou possíveis direcionamentos políticos, num contexto em que a sociedade acompanhava os desdobramentos do julgamento do Mensalão. Para isso, optou-se pela análise dos editoriais e textos opinativos de seus colunistas e colaboradores. Foram coletados artigos e textos correspondentes ao tema em oito edições de cada jornal - o período se estendeu de 21 a 28 de outubro.

PALAVRAS-CHAVE: eleições 2012; São Paulo; Folha de S. Paulo; O Estado de S. Paulo; editoriais; opinião.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da CCL-UPM, e-mail: jessica.nascimendodeamorim@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da CCL-UPM, e-mail: milena_buarque@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: adolpho.queiroz@mackenzie.br



TEXTO DO TRABALHO

Introdução

O presente artigo traz uma análise de cinco editoriais e 36 textos opinativos presentes nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* durante a última semana do segundo turno das eleições municipais de 2012 em São Paulo. Os textos foram selecionados pelas estudantes Jéssica Amorim e Milena Buarque.

A segunda etapa das eleições se estendeu ao longo do mês de outubro de 2012, onde os dois candidatos tiveram de reafirmar suas propostas e sanar as dúvidas do eleitorado paulistano. José Serra (PSDB) e Fernando Haddad (PT) disputaram uma corrida eleitoral marcante, repleta de altos e baixos, como a associação do partido petista ao julgamento do Mensalão⁵ e o visível cansaço da imagem do tucano na cidade. A imprensa, voluntária ou involuntariamente, influencia pessoas, costumes e decisões.

No caso histórico do Watergate, por exemplo, os jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward contribuíram para a renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon, em 1974. Temos no Brasil, o impeachment de Fernando Collor de Melo, em 1992. Mérito ou não da imprensa, os veículos, de fato, se mobilizarão em prol da causa e de uma discussão sobre o que estava havendo no cenário político nacional.

De acordo com o Washington Araujo, no artigo “O que é um formador de opinião”, publicado no Observatório da Imprensa, os formadores de opinião são pessoas que influenciam outras pessoas. O jornalista faz uma triagem do que deve publicar, levando em conta diversos fatores, como a linha editorial do veículo, por exemplo.

Assim, a última semana eleitoral torna-se decisiva, em muitos casos, para ambos os candidatos. É o momento em que os opositores têm para angariar votos determinantes ao resultado final. Segundo Beltrão (1980, apud FURTADO, 2010, p.18), o jornalismo veicula a opinião do editor, bem como as do jornalista e do leitor. Estas juntas manifestam a opinião pública.

Portanto, buscamos, através dos textos analisados, melhor compreender a manifestação da imprensa em um período tão decisório, tanto para eleitores quanto para

⁵ O escândalo do Mensalão foi um esquema de compra de votos de parlamentares. Considerado a maior crise política sofrida pelo governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2005/2006 no Brasil.



candidatos, como o é o final de uma corrida eleitoral em São Paulo, principal centro financeiro e maior conjunto urbano do país.

Desenvolvimento

- **Metodologia**

Sobre os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo é a publicação impressa em circulação mais antiga da cidade e uma das mais antigas do país. Sua primeira edição, ainda com o nome *A Província de S. Paulo*, data de 4 de janeiro de 1875. Em janeiro de 1890, a publicação mudou para o nome atual.

No entanto, em 1902, Júlio Mesquita, genro de um dos fundadores da primeira versão do jornal (José Alves de Cerqueira César), torna-se o único proprietário (ESTADÃO.COM, 2013).

Popularmente conhecido como *Estadão*, a empresa coloca-se editorialmente na linha de apoio à democracia representativa e à economia de livre-mercado.

No dia 4 de janeiro de 1970, nasce a *Agência Estado*. Em 1972, o *Estúdio Eldorado*.

Em janeiro de 2003, o portal *Estadao.com.br* superou a marca de um milhão de visitantes mensais. A tiragem do impresso consiste em 235.217 mil exemplares diários (2012), segundo dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ).

O Estado de S. Paulo acompanhou o crescimento da cidade, e o *Grupo Estado* é composto, além do jornal, pela *Agência Estado*, pelas rádios *Eldorado*, lançada em 1958, e *Estadão* (antiga *Estadão/ESPN*) e o *Jornal da Tarde* – que chegou às bancas em 1966 e teve sua última edição em 2012.

O *Grupo Folha*, por sua vez, é composto pelas publicações *Agora*, lançada em 1999, “jornal de São Paulo mais vendido no seu segmento” (FOLHA.COM, 2013); *Valor*, de 2000; *Alô Negócios*, jornal de classificados nascido no ano de 1989, em Curitiba; e *Folha de S. Paulo*, fundada em 1921. Veiculada em todo o Brasil, a *Folha* é “desde a década de 80, o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral”. (FOLHA.COM, 2013).



Com tiragem média diária de 297.650 exemplares, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC. JANEIRO, 2013), o jornal lidera no ranking de circulação. A *Folha* também atua no meio digital, com média de 45,3 mil exemplares.

Entre os princípios editoriais do *Projeto Folha*, encontram-se o pluralismo, o apartidarismo, o jornalismo crítico e a independência.

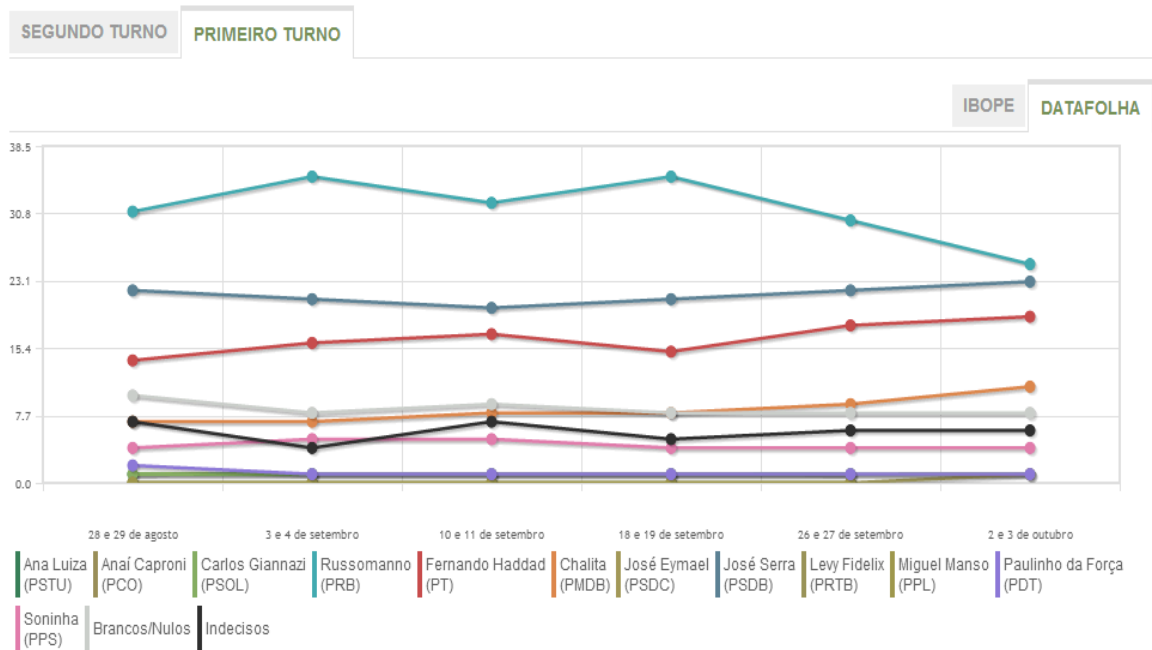
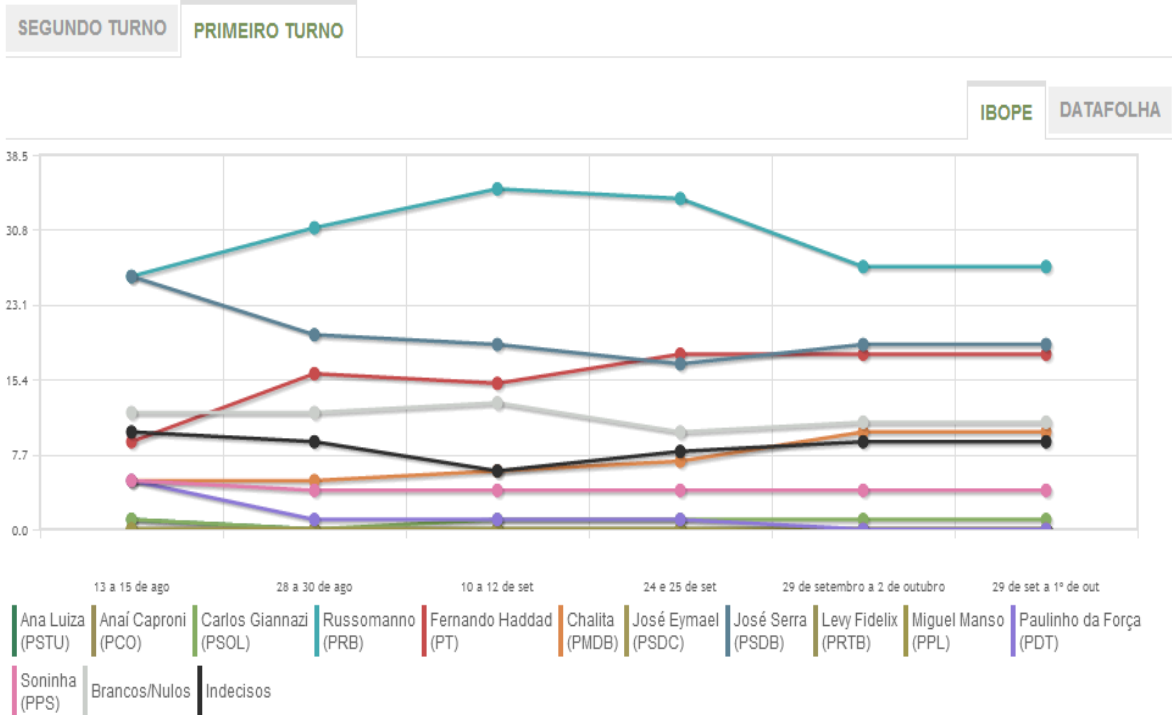
Fica clara, assim, a importância da análise de duas das principais publicações, no que diz respeito ao jornal em sua condição de impresso, do país. *Folha* e *Estadão* possuem relevância social e histórica para o jornalismo brasileiro, além de serem uma fonte de informação direta de um grande público de leitores em todo o território nacional.

Sobre as eleições de 2012

Em 2012, para comandar a cidade de São Paulo (SP), 12⁶ candidatos a prefeito disputaram o primeiro turno. Mantiveram-se na liderança, durante o período, os candidatos José Serra (PSDB), Fernando Haddad (PT) e Celso Russomanno (PRB). Ao longo do segundo semestre de 2012, o candidato do PRB ultrapassou a figura de Serra, já muito conhecida na cidade, e o novato Haddad, assumidamente apoiado pela atual presidente Dilma Rousseff e pelo ex-presidente Lula (2003 – 2011). O súbito crescimento de Russomanno foi primeira-página de jornais e tema de discussões em programas de televisão.

No entanto, como sua ascensão, a queda também foi visivelmente explícita. O “fenômeno Russomanno” marcou as eleições de 2012, assim como a grande quantidade de votos brancos/nulos que se colocaram, na maioria das vezes, acima das intenções de votos a qualquer outro candidato que não fosse o trio inicial. É possível visualizar o período de 13 de agosto a 3 de outubro, através das pesquisas do Ibope e do Datafolha, abaixo:

⁶ Ana Luiza (PSTU), Anai Caproni (PCO), Carlos Gianazzi (PSOL), Celso Russomanno (PRB), Eymael (PSDC), Fernando Haddad (PT), Gabriel Chalita (PMDB), José Serra (PSDB), Levy Fidélis (PRTB), Miguel (PPL), Paulinho da Força (PDT) e Soninha Francine (PPS).



O sistema de votação garante como único vencedor aquele que angariar mais da metade dos votos válidos (50% + 1). O resultado do primeiro turno levou às urnas do segundo José Serra e Fernando Haddad. Na apuração de 7 de outubro, o tucano Serra obteve 30,75% dos votos contra os 28,98% do petista.



Os dois candidatos tiveram cerca de um mês para mostrar e explorar mais as suas ideias para a cidade, bem como aprofundar discussões em debates televisivos. Segundo o professor e jornalista Eugênio Bucci, em entrevista à TV Estadão⁷, após o resultado do primeiro turno, PT e PSDB são dois partidos maduros que têm forte tradição paulistana.

Em 28 de outubro, as urnas confirmaram a vitória de Fernando Haddad, candidato petista que simbolizou o novo ante a figura já taxada como “cansada” de José Serra.

- **Dimensão teórica**

A presença da opinião no jornalismo

O jornalismo é concebido como um processo social e é constituído e caracterizado de diversas formas e estilos. Cada gênero reflete a identidade do texto. Segundo José Marques de Melo, na obra intitulada “Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro”, historicamente a diferenciação entre categorias *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo* emerge da necessidade sociopolítica de delimitar os textos que continham opiniões explícitas. Para o autor, os gêneros opinativos possuem mecanismos, de direcionamento ideológico.

José Marques de Melo classifica os gêneros jornalísticos:

- Jornalismo informativo: nota, notícia, reportagem, entrevista.
- Jornalismo opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta.

Para a produção deste artigo, optou-se por se debruçar no gênero denominado *jornalismo opinativo*, a fim de compreender melhor as atribuições relacionadas aos textos analisados.

Assim, o gênero caracteriza também a forma de expor ao leitor a linha editorial do veículo, justamente por conter posicionamentos, subjetividades, entre outros

⁷ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/politica,resultado-do-primeiro-turno-foi-o-melhor-possivel-diz-eugenio-bucci,942082,0.htm>> Acesso em: 29 de abril de 2013



atributos, que estão fora do jornalismo convencional, ou seja, do jornalismo informativo, caracterizado pela pirâmide invertida, difundida comumente pelos norte-americanos no início do século XX. Por linha editorial, “a seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) para expressar a sua opinião”. (MELO, 2003, p. 75).

Segundo Nelson Traquina (2008), a “mitologia jornalística” coloca os próprios jornalistas como servidores do público, que procuram saber o que aconteceu. No papel de “cães de guarda”, eles protegem os cidadãos contra os abusos do poder. Nesse sentido, os textos opinativos se constituem como instrumentos essenciais dentro de uma cobertura eleitoral. José Marques de Melo (2003, p.29) coloca que o gênero opinativo é uma reação diante das notícias, “difundindo opiniões”.

Marques de Melo, citando Fraser Bond, afirma que o jornalismo tem quatro razões de ser fundamentais: informar, interpretar, orientar, entreter. (...). O jornal esforça-se abertamente por influenciar seus leitores através dos artigos, editoriais, caricaturas e colunas assinadas.

Descrição e análise

○ **Folha de S. Paulo: 21 a 28 de outubro de 2012**

Durante a última semana do segundo turno, a *Folha de S. Paulo* publicou em suas páginas um total de 25 textos opinativos sobre as eleições na cidade. Dentre esses, três foram editoriais que expressavam as ideias do jornal.

No primeiro domingo, dia 21 de outubro, *Antes tarde que nunca*, editorial publicado na página A2, comenta sobre debate entre os candidatos e afirma que “ambos pecam pelo baixo índice de metas mensuráveis e pela parca referência a custos”. Ao apresentar as necessidades básicas de São Paulo, *Folha* pontua as diferenças entre os candidatos nos quesitos Educação, Saúde, Gestão e Transporte/trânsito. Já Suzana Singer, ombudsman do jornal, em *Sem perguntas, candidato*, afirma categoricamente que a imprensa – incluindo a *Folha* – tem contribuído pouco para melhorar a pauta do debate eleitoral. A jornalista diz que as páginas da editoria “Poder”, por exemplo, estão tomadas por outros assuntos, como “kit anti-homofobia” e visitas dos candidatos a igrejas.

Ainda no domingo, Mauro Paulino, em seu texto *Mensagens do eleitor paulistano*, comenta que eleitores estão buscando um prefeito que se diferencie da gestão em curso na época, “aprovada por apenas 19%” dos habitantes da cidade. Na página A12, Janio de Freitas (*Daqui para a sucessão*) comenta sobre a “provável vitória de Fernando Haddad” e diz que José Serra “é o homem que não aprende”.

Em 22 de outubro, segunda-feira, o editorial não aborda as eleições municipais e comenta sobre economia nacional (investimento externo). Dos quatro textos opinativos publicados, três estavam nas páginas A2 e A3 (*Tendências/Debates*). Vinicius Mota, em *Continuismo em xeque*, faz uma breve reflexão sobre a distribuição do eleitorado, mas afirma que o divisor de águas nesta corrida eleitoral é a rejeição à gestão de Kassab e ao continuismo representado por Serra. Na página A3, o texto maior, e posicionado acima, é o da defesa de Fernando Haddad, por Reinaldo Moraes (*Haddad e o laboratório do doutor Lula*), apresentado sob o chapéu “Razões para votar no meu candidato”. Abaixo, e menor, Marcelo Madureira, em *A cidade e o Serra*, diz que o tucano é competente e reafirma a importância da eleição de São Paulo como algo nacional. Por fim, o professor da USP André Singer (*O realinhamento continua*) diz que na cidade o



voto se encontra polarizado pela renda, emprega o termo *lulismo*⁸ e o associa ao sufrágio dos mais pobres.

Apenas três textos foram publicados na terça-feira (23). Neste dia, o chapéu “eleições 2012”, em “Poder”, começou a perder espaço para “mensalão o julgamento”. O debate eleitoral retorna na página A12, no final do caderno. Nelson de Sá, em *Todo santo dia*, bate no tucano e diz que “com pouca chance na intenção de voto, a pauta de José Serra deixa para trás a homofobia, volta para a saúde, mas não sai da igreja”. Janio de Freitas, por sua vez, comenta sobre a entrega da presidência do PSDB a José Serra, sua renunciada derrota na corrida eleitoral e usa o termo “prêmio de consolação”. Por fim, na análise do editor-assistente de “Poder”, Ricardo Mendonça fala sobre a ambiguidade gerada nos momentos finais da corrida eleitoral e expressa questionamentos com relação a Haddad, apesar dos seus 17 pontos de vantagem.

Na quarta-feira, dia 24, o julgamento do Mensalão prossegue com destaque na editoria “Poder” e o chapéu “eleições 2012” reaparece novamente na página A12. *Na prática a teoria é outra*, Vera Magalhães cobra de Haddad mais transparência e clareza com relação a sua proposta para a gestão da saúde.

A três dias da eleição, a quinta-feira traz umas mudanças: primeira página de *Folha* afirma que Haddad tem 15 pontos de vantagem – 49% estão com o petista e 34%, com o tucano. Além disso, o chapéu das eleições é colocado antes do desenrolar do julgamento do Mensalão – que só aparece na A20. Na A2, o editorial *Saúde sem simplismo* traz a mudança de atitude dos candidatos, que passaram a ter o tema da saúde como discurso central. No entanto, *Folha* prossegue classificando Haddad como figura ambígua no assunto. *Mais ousadia*, de Rogério Gentile, pede atenção ao trânsito caótico da cidade e *Tentando entender brancos, nulos e abstenções*, de Jairo Nicolau, faz uma breve reflexão sobre a suposta insatisfação generalizada e o crescimento dos votos nulos. Já no caderno de “Poder”, Alexandra Moraes (*Uniformes*) afirma que Serra e Haddad não se diferenciam muito, exceto pelos seus rótulos (“do povo” x “o da elite”).

Na sexta-feira (26), a primeira página do jornal traz a manchete “Dispara o número de homicídios na capital paulista”. Não há nada sobre as eleições em “Poder” e, também neste dia, se inicia o caderno “Eleições 2012”, com a capa dizendo que eleitor considera Fernando Haddad como inovador e José Serra, preparado. Em *Razões de voto*,

⁸ Expressão cunhada pelo cientista político André Singer em artigos e em sua tese de livre-docência. O sufixo somado ao nome de Lula geralmente sugere a existência de um movimento ideológico e enaltece a figura do ex-presidente. Singer publicou o livro “Os Sentidos do Lulismo”, pela Companhia das Letras.



Hélio Schwartzman analisa a questão da escolha do candidato, através de um olhar mais filosófico e psicológico, afirmando que há uma tendência em sobrevalorizar aquilo que se ouve e que possa apoiar teses e crenças. Já em *A experiência em vez da ideologia*, texto de José Goldemberg, há o espaço para a defesa de José Serra, assim como aconteceu com seu opositor no *Tendências/Debates* do dia 22. Márcio Thomaz Bastos, por sua vez, em *São Paulo: tão rica, tão estagnada* diz que o PT tem um projeto de quatro anos para a cidade – e “sem abandono”, fazendo referência às interrupções do tucano quando assumiu cargos de prefeito e governador. *Com quantos postes se faz uma hegemonia*, de Eduardo Graeff no caderno das eleições, discute a força do PT como uma suposta hegemonia e “como principal força política do país”. Entretanto, afirma o papel de importância da oposição e diz que o principal inimigo do partido petista pode ser seu próprio projeto hegemônico.

No sábado, véspera de eleição, apenas um texto opinativo é publicado no caderno especial “Eleições 2012”: *Só a baixaria salva e revela*. Xico Sá, com sua maneira característica de escrever, comenta sobre a baixaria e as brigas que ocorrem na política. Não aponta nenhum episódio envolvendo os candidatos do segundo turno, apenas lembra de Russomanno: “o resto é Bilhete Único, o grande fetiche da eleição paulistana. Foi ele, este direito de ir e vir minimamente democrático, que decretou o fim do Celso Russomanno (PRP), por exemplo. O cara foi mexer com o direito consolidado”. É importante registrar que no sábado o editorial do jornal (*Violência em alta*) volta a falar sobre o aumento do número de casos em São Paulo, e diz que as autoridades precisam se explicar.

Domingo, dia de decisão. O dia 28 na *Folha* tem a primeira-página apontando que *Haddad será eleito*, diz *Datafolha*, com imagem dos dois candidatos projetada no prédio da prefeitura, que fica no Viaduto do Chá. Um dos editoriais, no entanto, ironicamente, bate na tecla do Mensalão. *Habitar o Centro*, o segundo, comenta sobre o processo revitalização da região central, com o desenvolvimento de moradias para famílias com rendas mais baixas. Eliane Cantanhêde, em *De tucanos a cobras*, afirma que Haddad é um bom candidato, “cara nova” e bom produto. No entanto, alerta que ele terá de conviver com os problemas do PT, como o Mensalão, e ter um bom desenvolvimento na prefeitura, mostra que é um “bom gestor”. No caderno dedicado às eleições, a primeira-página traz Fernando Haddad com 58% dos votos e José Serra com 42%. *História trazida pelos números*, Mauro Paulino, diz que apesar das reviravoltas de



2012 (o repentino crescimento em números de Russomanno), São Paulo cai no padrão: a lendária disputa de PT versus PSDB.

○ **O Estado de S. Paulo: 21 a 28 de outubro de 2012**

Na última semana do segundo turno das eleições municipais em São Paulo, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou dois editoriais, cinco artigos assinados, no caderno de editoriais; cinco colunas e quatro análises sobre o tema. Sendo que no último dia da semana (domingo, 28 de outubro) o jornal reservou “Caderno especial sobre as eleições”, de 19 páginas, para todos os textos que trataram do assunto. É importante lembrar que a corrida eleitoral se seguiu na mesma época do julgamento do Mensalão. Assim, ambos tiveram destaque dentro do caderno “Nacional” do jornal. Ora o chapéu “Mensalão” primeiro, ora “Eleições2012” tomava a dianteira.

Os textos opinativos sobre as eleições municipais aparecem na segunda-feira, 22 de outubro, de forma genérica na coluna intitulada *Lições de 2012*, onde José Roberto aborda três “lições” sobre as eleições. Na primeira “lição”, faz um comparativo sobre a quantidade de prefeitos que os partidos elegeram. Depois, coloca que candidatos mais conhecidos tendem a sair na frente, no entanto, as altas taxas de intenção de voto nas pesquisas não apontam necessariamente para vitória. Nesse momento, é possível se lembrar do “fenômeno Russomano”, embora os exemplos citados pelo autor sejam de outros estados. Ele também critica o sistema de pesquisas feito no Brasil, mas sem apontar exemplos.

Na terça-feira, 23 de outubro, o jornal já mostra uma posição mais clara no editorial *O levantador de ‘Postes’*, que traz para o assunto eleições o contexto do Mensalão e critica a forma como o ex-presidente Lula escolhe seus sucessores ou candidatos, com pouca experiência política para disputas eleitorais, como aconteceu com o candidato Fernando Haddad, colocando Lula como um articulador de um jogo: “mas o teste dos testes, naturalmente se dará em São Paulo. Lula está convencido de que as coisas vão sair como ele quer – nem espera o lance do eleitorado para iniciar um novo jogo”.

Nesta mesma linha segue a coluna de Dora Kramer. *O dia depois* afirma que a situação não pode continuar e também defende que o PSDB deve pensar melhor na eficácia de seu partido, devido aos altos índices de rejeição. Os problemas do PT, no



entanto, ocupam a maior parte do texto da coluna, e ao problema “organizacional” do PSDB é reservado um pouco mais que um parágrafo.

Da mesma forma, na quarta-feira, o texto *Nada de confundir alho com bugalhos*, de José Nêumanne, fala da interferência do ex-presidente Lula na escolha dos candidatos nas disputas eleitorais e seu envolvimento no Mensalão. Afirma a tentativa de Lula de interferir também no julgamento do Mensalão. Segundo o autor, “o raciocínio, de um simplismo absurdo, resulta da mistura de ignorância e esperteza que levou o Macunaíma da política brasileira ao auge da fortuna e da glória, mas que não absorveu nenhum réu nem ajudará nossa democracia a amadurecer (...)”.

Demétrio Magnoli, em *O PT não é uma quadrilha*, critica a forma como o PSDB mistura eleição, Mensalão e Paulo Maluf com caso de polícia. No mesmo dia, 25 de outubro, quinta-feira, duas análises foram publicadas, uma voltada para as manobras de Serra na conquista de votos, intitulada *Tucano recupera evangélicos e volta ao cenário pré kit gay*, de José Roberto de Toledo, e *Programa foi refém de mais do mesmo*, de Cristina Padiglione. A segunda analisou o debate eleitoral criticando os vocábulos pouco comuns do candidato Fernando Haddad e das acusações da oposição que insistia em falar sobre o Mensalão.

Na sexta-feira, 26 de outubro, o *Uma hegemonia tropical*, de Fernando Gabeira, não trata abertamente sobre as eleições municipais, mas traz para a discussão novamente a crítica ao PT e sua luta pela permanência no poder. Afirma que “as vitórias eleitorais do PT e a ocupação de toda a máquina estatal fortalecem o medo (...)”. Da mesma forma, o editorial do jornal traz a crítica ao Mensalão, assim como as colunas assinadas.

É possível notar também que a partir da terça-feira, o chapéu “Mensalão” dentro do caderno “Nacional” vem antes de “Eleições2012” e permanece até a quinta-feira, retornando no domingo, dia das eleições.

Na sábado, 27 de outubro, o jornal publica um editorial, cujo nome *Resistir é preciso*, mostrando uma posição marcada do veículo. Nele, coloca o candidato Fernando Haddad como uma invenção de Lula, apontando que em meio às discussões do Mensalão, uma vitória em São Paulo seria de grande importância para o “lulopetismo”, tanto na “consolidação de uma hegemonia política” quanto para lançar uma “nuvem de fumaça” sobre os problemas do partido. Coloca, com tom de aviso, a possibilidade de que possa ocorrer sobre a prefeitura de São Paulo o mesmo que ocorreu sobre a



administração federal; e termina, portanto, sem deixar dúvidas sobre quem o jornal apoia nessas eleições: “São Paulo precisa continuar resistindo a esse desatino”.

Depois do segundo turno, de Marco Aurélio Nogueira, mostra que as eleições são como um teste para a qualidade da democracia e, não diferente dos outros editoriais e colunas, traz à tona o contexto do julgamento do Mensalão. Neste mesmo dia, o jornal também reservou espaço para a análise *A copa e novos desafios aos novos prefeitos*, de Orlando Alves Santos Junior, que faz um alerta sobre os problemas sociais que as obras para o evento podem trazer à população, apontando para o futuro prefeito o desafio de garantir processos mais democráticos nos projetos da Copa. Por fim, na coluna *No compasso da espera*, Carlos Melo afirma que Haddad não representa o PT tradicional, apontando as diferenças existentes dentro do partido. É o primeiro editorial que não veicula, diretamente, o nome de Haddad com o contexto do Mensalão, Lula ou PT. E coloca também a importância de ganhar, desta vez, para o PSDB.

No domingo, o jornal reservou um caderno especial para as eleições. No entanto, com apenas dois textos opinativos sobre o assunto. A análise *Campanha tucana fracassa em três áreas*, assinada por José Roberto de Toledo, traz dados do Ibope onde é possível mapear as áreas da cidade nas quais o candidato tucano não foi bem sucedido e coloca que, segundo a pesquisa, até mesmo os eleitores do partido acreditam que o rival irá vencer as eleições, colocando o fracasso que foi a campanha do candidato. Já a coluna *A lógica do eleitor*, de Carlos Melo, criticou o tom da campanha eleitoral e os debates dos candidatos, mas elogiou discussões sobre temas como creches, postos médicos e passagem de ônibus, que “(...) são temas que as elites autossuficientes em relação à maioria dos serviços públicos ignoram”. O autor volta-se para a representatividade da periferia “igualando”, de certa forma, ambos os partidos: “todos os partidos parecem ter problemas e Mensalões a explicar”. Ao final, elogiou o posicionamento dos eleitores da cidade, que souberam se colocar e exigir que seus interesses sejam debatidos.

Considerações Finais

O jornalismo opinativo é uma ferramenta de grande importância para entender as manifestações da opinião pública, principalmente as que se referem às discussões políticas. Para José Marques de Melo (2003), a seleção da informação que será divulgada, privilegiando certos assuntos, destacando, obscurecendo ou mesmo omitindo personagens, é a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo.

Nesse sentido, por meio das análises, conseguimos corroborar com a ideia de que os textos opinativos publicados seguem uma linha editorial marcada. Foi possível perceber no jornal *O Estado de São Paulo* um posicionamento declarado contra o PT, através de textos que criticavam abertamente o ex-presidente Lula e o julgamento do Mensalão. A imagem do candidato Serra e seu partido tomam poucas linhas críticas do veículo, nenhuma mencionando questões éticas ou de valores.

A grande maioria dos textos opinativos citava, de alguma forma, o esquema do Mensalão vinculado ao candidato petista. Essa junção influencia o leitor, principalmente durante a última semana do segundo turno. Um exemplo foi o editorial *Resistir é preciso* carregado de expressões como “lulopetismo” e “hegemonia política”. *A Folha de S. Paulo*, por sua vez, trouxe ao leitor uma gama de textos opinativos mais “otimista” ao candidato do PT, fomentando a discussão sobre problemas da cidade, como trabalho, saúde e educação. A crítica ao tucano reforça a ideia da figura já gasta do candidato. Um exemplo foi Jânio de Freitas, em *Daqui para a sucessão*, colocando a “provável vitória de Fernando Haddad” e José Serra como “o homem que não aprende”. Assim, nessa linha, o texto *O realinhamento continua*, de André Singer, traz a questão e emprega o termo *lulismo*, com sentido positivo, enaltecendo a figura do ex-presidente.

Durante a pesquisa, percebeu-se o quanto o tema da política foi e ainda é muito abordado, gerando polêmicas e movimentando as discussões de interesse público. Ficou clara também a importância do gênero opinativo como um canal aberto de se relacionar com o meio social, mostrando a necessidade de uma atenção maior do leitor para o que é publicado no impresso, como algo imbuído de posicionamento político e ideias defendidas pelo jornal - enquanto empresa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURTADO, Maria Aparecida Silva. **Representações da opinião pública em editoriais sobre a eleição presidencial de 2006**. Belo Horizonte, 2010.

MELO, Jose Marques. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. Ed, Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2008.

ARAUDO, Washington. **O que é um formador de opinião**. Observatório da Imprensa. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_que_e_um_formador_de_opiniaio>. Acesso em: 2 de maio de 2013.

ESTADÃO. **Pesquisas Ibope e Datafolha | primeiro turno: São Paulo – SP**. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/eleicoes/pesquisas/prefeito-2012,sao-paulo,sp>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

ESTADÃO. **Pesquisas Ibope e Datafolha | segundo turno: São Paulo – SP**. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/eleicoes/pesquisas/prefeito-2012,sao-paulo,sp,2o-turno>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

ESTADÃO. **Resultado do primeiro turno foi o melhor possível, diz Eugênio Bucci**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/politica,resultado-do-primeiro-turno-foi-o-melhor-possivel-diz-eugenio-bucci,942082,0.htm>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

G1. **Serra e Haddad disputam 2º turno em São Paulo; Russomanno fica em 3º**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2012/noticia/2012/10/serra-e-haddad-disputam-segundo-turno-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

IBGE. **IBGE mostra a nova dinâmica da rede urbana brasileira**. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1246>>. Acesso em: 3 de maio de 2013.